

## O maior hit do mundo

Uma coisa dessas só se for por cinco minutos. Enquanto você lê esse texto, o maior hit, podemos afirmar sem maiores responsabilidades e sem medo de errar, é *Can't take my eyes of you*, na versão da soberba Gloria Gaynor. Sucesso dos bailes de formatura, das recepções de casamento, das festas de debutantes, bota qualquer cabo de vassoura na pista. Até Adorno sairia saltitando ao som da maravilha.

Toda a construção da canção é uma armadilha para os desanimados convictos. Acorde maior, sétima maior, menor, 4º grau, menor, tudo muito claro e óbvio, conclusão simples. Só que um arranjador genial arrumou uma modulação antes do B ou refrão (sempre discuto com o Samuel Rosa se uma parte é B ou refrão) e colocou aqueles trompetes irresistíveis chamando para o transe coletivo. A Gloria Gaynor vem então com tudo, cantando vários babies – um deles pelo menos deve ser a gente – sobre a base *disco* insofismável.

Pronto, você já leu o parágrafo. A partir daqui escolha-se qualquer outro hit. Quem sabe *Moonlight serenade* ou ainda aquela valsa de Strauss – é legal quando o arranjo gruda na canção; os Beatles foram mestres nisso.

O arranjo de *Aquarela do Brasil*, outro “maior hit do mundo”, também conseguiu a proeza de eternizar um *riff*. O autor do arranjo foi Radamés Gnatalli, mas quem criou o *riff*, se não me engano, foi Pixinguinha, no *1x0*, com Benedito Lacerda – num supremo esforço jornalístico, em meio a libações étlicas de fim de ano, acabo de constatar: *Aquarela* foi gravada em 1939; *1x0*, em 1946.

## Piano

O disco *Tom ao vivo em Minas* nos lembra que o piano é disparado a melhor coisa que a humanidade inventou, junto com um ou outro analgésico. Curiosamente, a discografia de Tom termina onde tudo começa: no piano.

Hoje em dia,  
compositores  
prescindem do  
instrumento  
e tornam-se  
cada vez mais,  
eles próprios,  
prescindíveis

É difícil tocar samba neste instrumento, ao contrário do violão. Taí uma coisa que sempre nos desafia. O disco de Tom é mais uma aula a nos ajudar: baixo em pulsação binária constante (o surdo), notas do centro harmonizando e sincopando (o tamborim), notas na ponta direita cantando a melodia. A descrição pode parecer óbvia, mas pôr a

idéia em execução requer longa prática.

Existem bons compositores que utilizam o violão, como Baden Powell. Mas geralmente a coisa passa mesmo é pelo piano. Desde os tempos de Haydn, Mozart e Beethoven. Hoje em dia, compositores prescindem do instrumento e tornam-se cada vez mais, eles próprios, prescindíveis.

## Harmonia

Eu gosto da lenda e me sirvo dela, principalmente para combater o bairrismo carioca e paulista. Diz a lenda que temos em Minas Gerais uma harmonia própria, tão avançada quanto misteriosa. Esta semana, o excelente Bob Tostes, homem de mil virtudes, me presenteou com um Johnny Mandel de primeira: a trilha do filme *Adeus às ilusões*, com a música *The shadow of your smile*. Pois é, harmonia mineira é aquilo lá, é Johnny Mandel, por exemplo.

Há mais diferenças e coisas específicas na composição mineira do que na harmonia.

## Lista

Para Johnny Mandel os quatro maiores cantores seriam João Gilberto, Elis Regina, Billie Holiday, Ella Fitzgerald. Fiquei surpreso com sua lista, apesar (ou pelo fato) de pensar da mesma maneira.

## It's de-lovely

Engraçado, eu gosto de filme piegas, histórias de amor, *soap opera*, tudo isso. E não consigo gostar de filmes como esse “Cole Porter” aí. A gente sempre pensa, ingenuamente, que o filme vai fazer jus ao talento do artista. Raramente isso ocorre. Para que ocorra é necessário maior independência artística, como a que Julio Cortazar estabeleceu no conto *Os perseguidores*, em homenagem a Charlie Parker. Ali está uma peça que pôde fazer jus à genialidade de Parker. Narrar sua existência dramática, como fez Clint Eastwood em outro filme, pode parecer atraente, mas não funciona. Nestes exemplos, a vida não é mais importante que a arte.